

Vitor Coelho Barros

José Brito Ramos

Coordenadores

Evolução  
da  
Família Agrícola

Seminário

Instituto Nacional de Investigação Agrária e das Pescas

**Título:** Evolução da Família Agrícola  
- Seminário  
**Coordenadores:** Vitor Coelho Barros  
José Brito Ramos  
**Concepção gráfica:** Vitor Martins  
**Edição:** Instituto Nacional de Investigação Agrária e das Pescas  
Estação Agronómica Nacional  
**Depósito legal** n.º 225 727/05  
**Tiragem:** 200 exemplares

Lisboa, Maio de 2005

## A Criação de Vacas Mirandesas em Trás-os-Montes: O caso de alguns criadores mais jovens

Sílvia Nobre\*

### Introdução

Ao participar no Seminário “Evolução da Família Agrícola” pretendi contribuir para a reflexão mais lata sobre as transformações da família e, simultaneamente, participar no propósito de conhecer a evolução da família agrícola em Portugal.

O êxodo rural e a emigração despovoaram os campos, operando grandes transformações económicas e sociais. Tais transformações, no sector agrícola, resultaram numa diminuição muito expressiva de activos. No entanto, tal não significou uma diminuição da importância do trabalho familiar na agricultura. De facto, como faz notar Rolo, ao analisar as transformações da agricultura portuguesa na segunda metade do séc. XX, tendo diminuído os activos no sector de perto de 50 para cerca de 10% dos activos totais, reforçou-se todavia a expressão dos trabalhadores agrícolas familiares (Rolo, 1996: 78-79). Como resume o autor, para o período em análise – de 1950 a 1990 – “o domínio da (s) agricultura (s) familiar (es) veio pois a consolidar-se no meio agrícola português”. Na sua comunicação trazida a este Seminário, no entanto, este autor faz notar que, a partir dos anos noventa, a tendência se inverte, perdendo expressão a população activa agrícola familiar e, simultaneamente, tornando-se a família agrícola mais pluriactiva.

Tais transformações têm obviamente implicações na evolução das características da produção agrícola familiar. Deste modo, para além das transformações técnicas a nível da produção, que alteraram profundamente as tarefas agrícolas, modificou-se também a própria divisão do trabalho no seio da família, que é ainda condicionada pelas múltiplas combinações de actividades fora da agricultura, desenvolvidas pelos vários elementos familiares.

A reflexão aqui apresentada tem por base informação empírica recolhida junto de agricultores transmontanos, entre 2002 e 2003. Esta informação constituirá assim, como se verá, uma aproximação ao conhecimento dos modos de vida, de um grupo particular de agricultores – os criadores de bovinos de raça Mirandesa –, através da apreciação da organização do trabalho e do lazer ao nível dos agregados familiares estudados.

No universo em análise, os três casos estudados correspondem a famílias de criadores de entre os mais jovens. Pretende-se pois conhecer um grupo restrito de agricultores: os que, contrariamente à tendência geral, não partiram, fixando-se na agricultura.

Com vista a uma melhor compreensão do contexto de produção das famílias de criadores de vacas mirandesas, inicia-se a exposição com a apresentação da Associação de Produtores de Bovinos de Raça Mirandesa, caracterizando a evolução da estrutura demográfica dos seus associados, bem como as diferentes formas de produzir. Posteriormente, será apresentado o conjunto das três famílias em estudo e, em particular, analisado o trabalho dos seus diferentes elementos. Esta abordagem permitirá, enfim, uma reflexão sobre o modo de vida destes agricultores e das relações intergeracionais, em especial das de trabalho e de assistência mútua.

---

\* Escola Superior Agrária de Bragança

## Criadores de Mirandesa: associação, evolução demográfica, sistemas de manejo

### A Associação de Criadores de Bovinos de Raça Mirandesa

A Associação de Criadores de Bovinos de Raça Mirandesa (ACBRM) criada em 1986, é a partir de 1993 responsável pelas acções de valorização da raça mirandesa, herdando a missão do Posto Zootécnico de Malhadas de apoio técnico aos respectivos produtores, bem como as finalidades de promoção, conservação e melhoramento da raça (Baptista, 1999: 158). Para caracterizar o universo dos criadores desta raça de bovinos, recorremos às estatísticas da referida associação.

O interesse desta raça, cujo centro de origem (solar da raça) se situa em Trás-os-Montes, é assim reconhecido desde há muito. O solar da Raça Mirandesa estende-se por concelhos de duas unidades geográficas distintas: Terra Fria de Montanha (concelhos de Bragança e Vinhais) e Planalto Mirandês (concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso); o concelho de Macedo de Cavaleiros integrando também este centro de origem situa-se numa zona de transição.

Estas duas unidades geográficas (Terra Fria de Montanha e Planalto Mirandês) condicionaram também, mercê sobretudo das condições climáticas, dois sistemas de agricultura que integraram os bovinos de raça mirandesa. Na primeira, com precipitações mais elevadas (acima dos 800/1000mm), predominam os prados permanentes de regadio; no Planalto onde as precipitações são mais baixas (inferiores a 600/800mm) são mais frequentes os lameiros de secadal (Sousa, 1992:6).

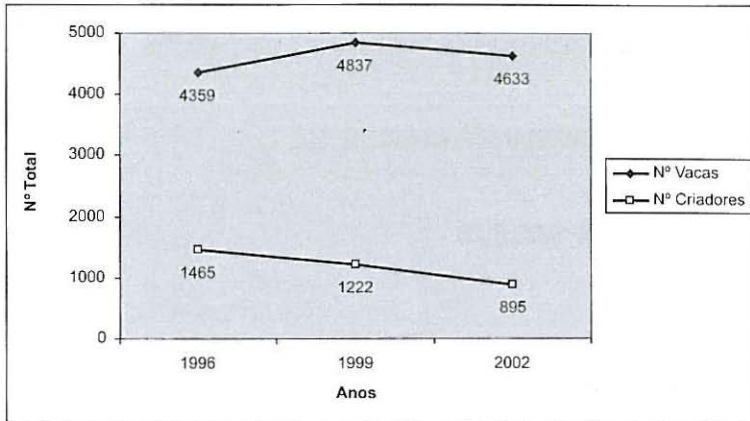
### Evolução Demográfica dos Criadores

Na Figura 1 estão representados o número de criadores associados da ACBRM, bem como os seus efectivos bovinos, em três momentos, 1996, 1999 e 2002, a que correspondem recenseamentos promovidos pela associação junto dos seus associados. Consta-se um acentuado declínio do número de associados (de cerca de 17% entre 1996 e 1999, e à volta de 27% entre 1999 e 2002), evolução que não se traduz por uma redução nos mesmos termos dos efectivos bovinos. De facto, em 1999 os efectivos aumentam ligeiramente, mas em 2002 o número de animais da raça registados apresenta já, face a 1999, uma redução de 4%.

Estes dados relativos a 1996 e 1999 dizem respeito à totalidade de associados da ACBRM que então se concentravam exclusivamente no denominado Solar da Raça Mirandesa. Os referentes a 2002 incluem criadores que se distribuíam também por outros locais, quer dentro do distrito de Bragança, quer noutros pontos do país. Note-se, porém, que a expressão dos criadores fora do centro de origem da raça é, em 2002, absolutamente marginal (números de criadores e de efectivos). Acresce ainda que estes criadores não podem comercializar a carne de vitelo e novilho mirandês como DOP (Denominação de Origem Protegida), não estando portanto nas mesmas condições de valorização desta produção.

A análise da estrutura etária dos criadores (Figura 2) evidencia um grupo de agricultores mais velhos (na classe de idade superior a 65 anos), que no primeiro censo se aproxima já dos 20% e que posteriormente (em 1999 e em 2002) vê reforçada a sua posição, ultrapassando esse valor. Por outro lado, os criadores mais jovens (com menos de 40 anos) em 1996 têm uma representação próxima dos 15%. Entre 1999 e 2002 este grupo perde expressão no universo dos criadores. Os dois outros grupos de criadores

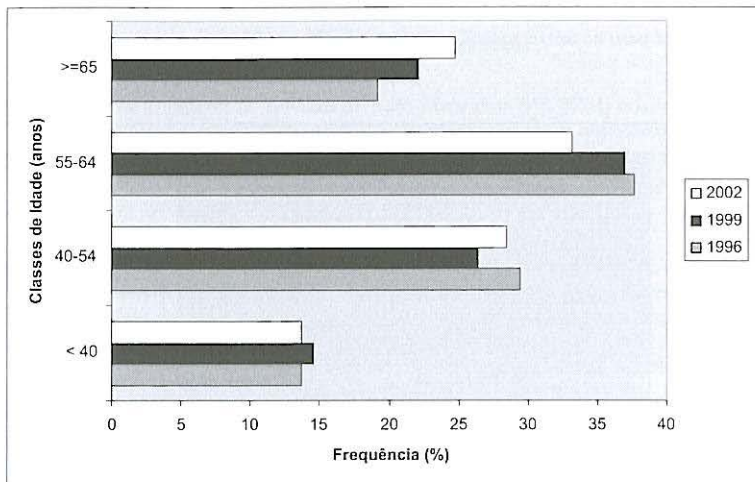
representados, correspondentes às classes etárias entre 40-54 e entre 55-64 anos, têm, ambos, maior peso no universo analisado (entre os 25 e os 35%).



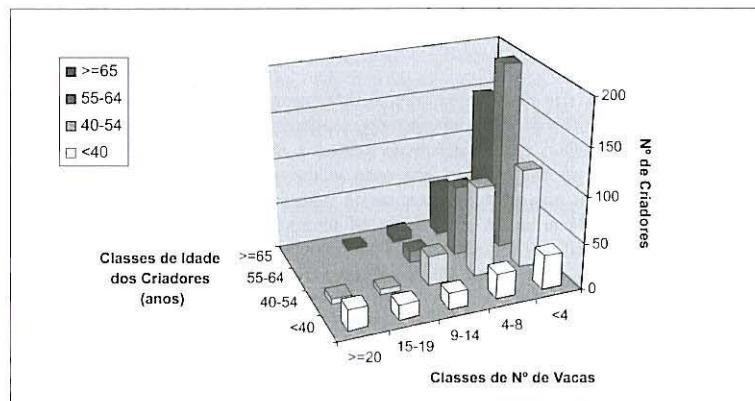
**Figura 1** Evolução temporal dos Criadores e Efectivos totais de vacas Mirandesas da Associação de Criadores de Bovinos Mirandeses

Fonte: ACBRM, Recenseamento dos Associados de 1996,1999 e 2002

Na Figura 3 pode também observar-se, para as diferentes classes de idade dos criadores, a expressão dos efectivos de vacas mirandesas, sendo estes igualmente distribuídos por classes. Verifica-se assim que os efectivos de vacas mirandesas de menor dimensão (inferiores a quatro vacas) existem em todo o universo de idades dos criadores, predominando todavia nos situados entre os de mais idade (nos de mais 65 anos de idade e sobretudo nos situados entre 55 e 64 anos). À medida que se consideram efectivos maiores verifica-se que aumenta a importância relativa dos criadores nas classes de idade mais baixa. Esta tendência toma uma ênfase particular no caso dos efectivos de 20 vacas ou mais, que pertencem exclusivamente a criadores de menos de 54 anos e têm, aliás, particular expressão nos de menos de 40 anos.



**Figura 2 Idade dos Criadores de Vacas Mirandesas da ACBRM em 1996,1999 e 2002**  
 Fonte: ACBRM, Recenseamento dos Associados de 1996,1999 e 2002



**Figura 3 Criadores associados da ACBRM em 2002: distribuição por classes de idade e de efectivo bovino mirandês**

Fonte: ACBRM, Recenseamento dos Associados de 2002

Parece assim haver uma certa associação entre a idade dos criadores e os efectivos de vacas mirandesas. Não que se possa dizer que os criadores mais jovens possuem apenas grandes efectivos, ou que os criadores de mais idade só tem efectivos reduzidos. De facto, na Figura 4 constata-se que entre os mais jovens persiste uma expressão dominante dos efectivos até 8 vacas. Mas se analisarmos a distribuição dos efectivos

maiores (com 20 vacas ou mais), pelas classes de idade dos criadores, vemos que estão claramente associados ao grupo dos mais jovens. Por outro lado, os efectivos de menos de quatro vacas mirandesas aumentam a sua proporção de representação nas diferentes classes de criadores, dos mais jovens até aos mais idosos: naqueles existe em 30 % dos casos, nestes em 70%.

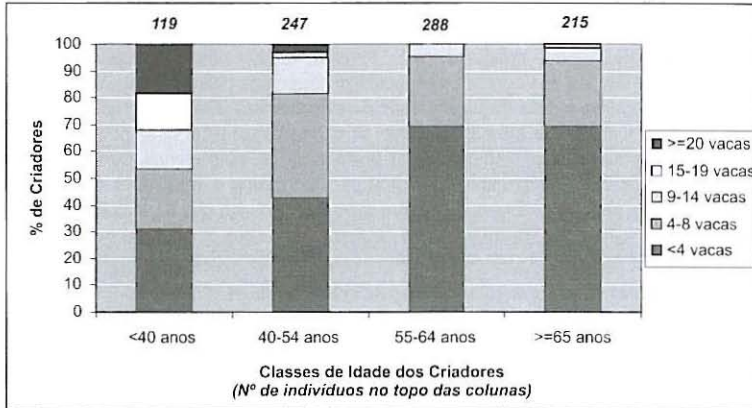


Figura 4 Distribuição das diferentes classes de idade dos criadores de mirandesas pelas diversas classes de número de vacas

Fonte: ACBRM, Recenseamento dos Associados de 2002

#### Diferentes sistemas de manejo das vacas Mirandesas: do sistema tradicional (dos mais velhos) ao sistema extensivo

Vários estudos têm posto em evidência os principais sistemas de produção dos criadores de bovinos de raça mirandesa e é neles recorrente um sistema de produção de agricultores mais velhos. Num estudo numa aldeia do concelho de Vinhais foi também identificado este grupo de agricultores, que aí representava cerca de 18% das explorações da freguesia (Sousa, 1992:23-29). Um outro trabalho, em que foram inquiridas as aldeias com mais de 20 explorações de criadores associados da ACBRM, refere o sistema de produção dos idosos criadores de bovinos mirandeses que representava 33% das explorações inquiridas (Fragata e Sousa, 1997:212).

De acordo com os trabalhos citados, estes criadores mais velhos caracterizam-se normalmente por um número reduzido de animais criados num sistema tradicional, com a condução e acompanhamento das vacas aos lameiros diariamente, o que implica uma disponibilidade de mão-de-obra relativamente elevada, sobretudo nos casos em que os lameiros não são murados.

Segundo informação do técnico responsável da ACBRM, no grupo de criadores mais jovens vem sendo identificado um novo sistema de manejo das vacas mirandesas baseado na permanência dos animais no campo, em lameiros vedados, e não implicando assim a permanência de pessoas a guardá-los. Trata-se de uma forma de manejo extensivo e sobretudo economizadora de mão-de-obra. Estes casos, apesar de tudo minoritários no contexto da Associação, têm efectivos bovinos de maior dimensão.

Num trabalho em que foram observadas várias explorações de criadores, inclui-se um caso com estas características (Fragata *et al.*, 2002). Ora, o criador analisado, apresentava um efectivo relativamente grande (26 vacas mirandesas), e indicadores de actividade relativamente baixos (valor da produção – VAB – e consumos intermédios por ha de SAU), caracterizando-se este novo sistema sobretudo pela economia de mão-de-obra. De facto, os autores definem-no como “um criador com muitas máquinas e pouco trabalho disponível, que se afastou do maneio tradicional ao manter as suas vacas mirandesas em pastoreio durante todo o ano” (Fragata *et al.*, 2002: 185).

Entre as situações extremas (o sistema tradicional e o maneio mais extensivo emergente da instalação de alguns criadores mais jovens), existe uma variedade de tipos intermédios em função dos contextos específicos oferecidos pelas estruturas físicas das explorações agrícolas e pela disponibilidade de mão-de-obra. Com efeito, para instituir um sistema de maneio dos animais baseado na extensificação, torna-se necessário que haja um certo grau de emparcelamento das pastagens. Ou, pelo menos, que entre estas se verifique uma certa proximidade, de modo a não obrigar a frequentes deslocações tanto o produtor como os animais. Por outro lado, os casos em que os lameiros não são naturalmente vedados obrigam também a investimentos (por exemplo a instalação de cercas), que estão facilitados nas explorações com um número reduzido de parcelas.

Dado que, em regra, quem aqui se instala na actividade agrícola – e em particular na criação de mirandesas –, é quem à partida dispõe já de terra (por herança, ou por cedência de familiares), resulta que as limitações das características desta condicionam também o modo como se vai produzir. Ainda que se possam apontar casos em que há emparcelamento, e até compra e arrendamento de terra, de um modo geral as características das terras herdadas (dimensão e localização) impõem restrições ao modo de condução desta actividade. Assim, apesar das vantagens do maneio extensivo, sobretudo a economia de trabalho que possibilita, as imposições decorrentes da estrutura física da exploração agrícola conduzem a situações mistas de maneio, tal como se verá adiante.

Impõem-se agora uma nota que associe a evolução dos sistemas de exploração à evolução da estrutura demográfica dos criadores da ACBRM. Como já foi dito, a proporção de criadores mais velhos (com mais de 65 anos), acentua a sua expressão no período de 1996 a 2002. Inversamente, os criadores mais jovens (com menos de 40 anos) vêm no mesmo período de tempo diminuída a sua proporção. O que se verifica, na verdade, é uma cada vez menor entrada de jovens na actividade “*criação de gado mirandês*”, e consequentemente na ACBRM, e, simultaneamente, o contínuo transitar nas diferentes classes etárias definidas, onde, em face da redução do total de associados, os de mais idade aumentam a proporção de representação.

A evolução demográfica descrita permite deduzir um cenário futuro em que se juntam a inexorável e progressiva retirada de actividade dos mais velhos e uma cada vez mais limitada entrada em actividade de jovens criadores. A prossecução ininterrupta desta evolução demográfica traduzir-se-á, muito possivelmente, numa drástica redução do número de criadores de raça mirandesa.

Note-se, todavia, que a evolução dos efectivos totais de animais não tem apresentado quebras acentuadas. Isto à custa, sobretudo, do aumento do número e da própria dimensão dos efectivos maiores. Deste modo, a estimada redução drástica do número global de criadores pode não vir a significar propriamente o fim da actividade pecuária mas antes, o alcançar de um outro patamar evolutivo desta actividade. Baseado num menor número de criadores e com efectivos maiores, nesse novo equilíbrio, os criadores

tenderão a adoptar, porventura, sistemas de manejo mais modernos e economizadores de mão-de-obra.

Dois questões permanecem todavia sem resposta. A primeira diz respeito ao limiar até ao qual poderá diminuir o número dos criadores sem pôr em risco a continuidade da actividade, isto é, assegurando uma dimensão mínima de produção que permita um escoamento organizado e eficiente da mesma. A segunda questão refere-se ao número de agricultores que possuem desde já nas suas explorações as condições de investimento e, sobretudo, as de base física para poderem transitar para sistemas de manejo mais eficientes e economizadores de mão-de-obra.

### Três Famílias de Criadores Jovens

Apresentam-se de seguida, na forma de estudos de caso, três famílias de criadores, que configuram aspectos da transição da forma de exploração tradicional dos bovinos mirandeses, para o mancio moderno. Descreve-se a actual estrutura familiar e a sua evolução, elaborando-se assim a história da família, embora de forma sucinta. Por fim passa-se a uma caracterização pormenorizada das actividades diárias dos seus membros. Através de orçamentos-tempo realizados em diferentes épocas do ano, contabilizaram-se os tempos dispendidos nas diferentes actividades. Deste modo, é possível avaliar a participação dos elementos da família nas múltiplas tarefas a cumprir.

Pretende-se assim dar conta do modo de vida destas famílias de agricultores, que no contexto das zonas deprimidas onde prosseguem a sua actividade agrícola em exclusividade num caso, e complementada por actividades fora da esfera agrícola nos outros, têm em comum o facto de serem exemplos bem sucedidos nas suas aldeias. Com efeito, apesar do muito trabalho, estas famílias alcançam, níveis de rendimento e de consumo relativamente elevados para os padrões locais.

### A Família Santos

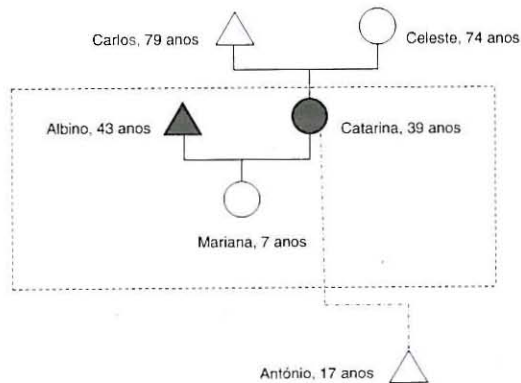


Figura 5 Estrutura da Família Santos, Vimioso

Catarina (39 anos) e Albino (43 anos), casados, são ambos naturais de uma aldeia do concelho de Vimioso. Aqui vivem com a filha Mariana de sete anos. Catarina tem ainda um filho anterior ao casamento, António, de 17 anos, que estuda em Bragança na Escola Profissional. Em regra, aos fins-de-semana, volta a casa onde ajuda nos trabalhos que há a fazer. Catarina é filha de agricultores (Carlos de 79 anos e Celeste de 74), e viveu sempre na aldeia com eles. Estudou ainda algum tempo em Vimioso, onde fez o 2º ano do ciclo preparatório. Na aldeia, nunca esteve muito ligada às tarefas mais pesadas da agricultura: ajudava os pais no que fosse preciso mas, regra geral, tinha a seu cargo sobretudo as lides domésticas e o trabalho nas hortas, que são como que extensões da casa. Embora pudesse ter estudado mais – “*tinha gosto para os estudos*” – e até arranjado emprego fora da agricultura (e da aldeia), o facto de ter tido um filho sem casar, fixou-a localmente, junto aos pais. Mais tarde veio a casar com Albino, natural da mesma aldeia, que trabalhava também na agricultura, em casa dos seus pais. Constituído, então, uma nova exploração agrícola, Catarina e Albino, têm ainda a concessão do café da aldeia, que exploram. É esta actividade que lhes preenche o quotidiano, fugindo assim à esfera única da agricultura.

A exploração agrícola tem um efectivo de sete vacas mirandesas. No entanto, dada a vida muito ocupada deste casal com o atendimento dos clientes no café da aldeia, quem assegura o maneio quotidiano das vacas são os pais de Catarina, Carlos e Celeste. Estes vivem em casa distinta e fazem ainda horta própria. Na Figura 6 está uma descrição das actividades deste casal, num dia de Inverno.

**Figura 6** Descrição detalhada das actividades realizadas pelo casal mais idoso da Família Santos, numa quinta-feira de Janeiro

Inverno, 8-01-2004, Quinta-feira

Horas	Celeste, 74 anos	Horas	Carlos, 79 anos
7:30	Levantei-me e lavei-me Fiz lume ao fumeiro Fiz lume na cozinha	8:00	Levantei-me e lavei-me
8:30	Dejejei-me	8:30	Fui para a loja das vacas, tirei o estrume e botei os vitelos a mamar
9:00	Arrumei a casa	10:30	Botei as vacas e fui levá-las ao lameiro; estive a desviar água
11:00	Lavei a roupa e estendi-a	12:00	Cheguei a casa e almocei
12:00	Fiz o almoço	13:00	Fomos apanhar comida para as vacas com as burras
12:30	Almocei		
13:00	Arrumei a cozinha		
	Fomos apanhar de comer para as vacas com as burras		
↓		↓	
15:00	Descarregamos as nabiças	15:00	Chegamos a casa e descarregamos
16:00	Acomodamos as vacas	15:30	Acomodei as vacas
17:00	Descansei ao lume	16:00	Fui buscar as vacas
18:00	Fiz o jantar	17:00	Cheguei, botei os vitelos a mamar depois de prender as vacas
19:00	Jantamos	18:30	Descansei
19:30	Arrumei a cozinha	19:00	Jantamos
20:00		19:30	Descansei e vi televisão
21:00	Fui para casa da minha filha tomar conta da Mariana	↓	
↓		22:00	Fui dar de comer às vacas
1:30	Fui para casa e deitei-me	23:00	Deitei-me
18 h	TOTAL	15 h	TOTAL

Nos diagramas dos orçamentos-tempo (Figura 8) destes quatro elementos da família (o casal central em análise, e o casal mais velho de progenitores) vê-se que Catarina e Albino, para além das tarefas agrícolas e domésticas da sua casa, ocupam o seu tempo também com o trabalho no café. Trata-se duma agricultura a tempo parcial em que o peso do trabalho diário com as vacas é sobretudo feito por familiares mais idosos, que complementam assim a actividade da exploração dos filhos. Facilmente se constata que a eles cabe, especialmente a Carlos, a tarefa de conduzir as vacas até aos pastos, aí permanecendo com elas, e de trazê-las de volta aos estábulos. De facto, como pode ler-se na Figura 8, é Carlos quem mais se ocupa das vacas em todos os dias analisados, nos quais o tempo dispendido com estas tarefas representa aproximadamente 50% do total, podendo mesmo ultrapassar este valor. Já Celeste, que participa também, embora em menor escala, nas tarefas associadas aos animais, tem um papel primordial na esfera do apoio doméstico: acompanha a neta à noite enquanto os pais trabalham até tarde no café (Figura 6).

Os elementos mais jovens da família (António e Mariana), não aparecem representados nos diagramas (Figura 8) pelo facto do trabalho por eles realizado ser ocasional. Apesar de ambos ajudarem no que houver para fazer, a actividade que lhes é atribuída prioritariamente pelos pais é estudar. Assim, a organização das tarefas a realizar é feita sem contar com a sua participação. Note-se ainda que aos fins-de-semana e nas férias escolares participam quer no labor agrícola, quer sobretudo servindo no café.

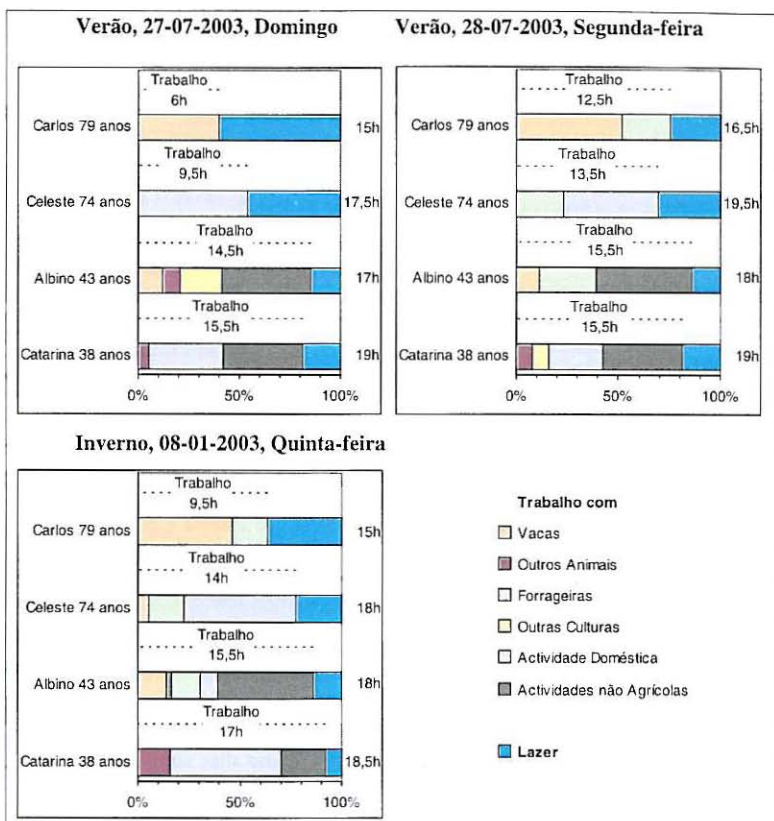
Este negócio, explorado pelo casal mais jovem, constitui uma ocupação bastante flexível e, portanto, conciliável com a sua relativamente limitada actividade agrícola. É vulgar os cafés das aldeias, conforme a clientela e a disponibilidade dos que o frequentam, variarem o número de horas em que estão abertos. Exceptuando o caso dos reformados inactivos, e maioritariamente os homens, é natural que em cada época do ano (marcada por diferentes tarefas agrícolas), as horas disponíveis para frequentar o café sejam as mesmas que o dono tem livres para o abrir. No caso observado, normalmente o café está fechado de manhã, tendo Catarina a tarefa de o limpar. À tarde e à noite, Albino e a mulher alternam períodos de trabalho neste estabelecimento com as várias tarefas agrícolas e domésticas que têm também a seu cargo. Por vezes, sobretudo à noite e também ao fim-de-semana, trabalham aí os dois conjuntamente.

Na Figura 7 pode apreciar-se a multiplicidade de tarefas a que tem que fazer face este casal numa jornada de trabalho de um dia de verão. Os dias de trabalho do casal mais jovem são mais longos do que os dos pais de Catarina, e também comportam um menor número de horas de lazer (Figura 8). Nesta família a possibilidade de conciliar o trabalho nas duas actividades (agricultura e exploração do café) é conseguida pelo facto do casal mais idoso assegurar boa parte do trabalho com as vacas mirandesas.

## Verão, 28-07-2003, Segunda-feira

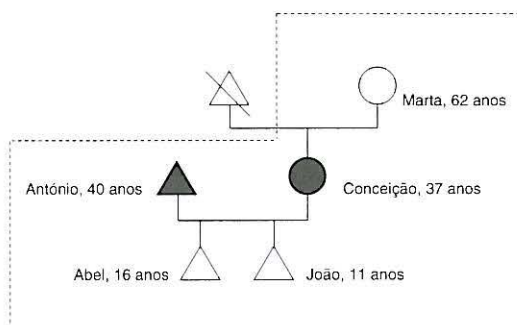
Horas	Catarina, 38 anos	Horas	Albino, 43 anos
7:30	Levantei-me, lavei-me e vesti-me	8:00	Levantei-me, lavei-me e vesti-me
8:00	Fui dar de comer aos porcos e galinhas	8:30	Fui dar de comer às vacas
8:30	Fui à horta regar	9:00	Fui à horta buscar abóboras para os porcos
10:00	Arrumei a casa	10:00	Fui ao milho para as vacas
10:30	Fui abrir o café	12:00	Esperei o almoço
11:30	Fiz o almoço	12:30	Almocei
12:30	Almocei	13:00	Fui abrir o café
13:00	Arrumei a cozinha	↓	
14:00	Estava com dor de cabeça e deitei-me um pouco	17:00	Voltei para casa; fui regar o milho
↓		19:00	Fui prender as vacas; dar de comer aos porcos e aos vitelos
16:00	Fui dar de comer aos animais	↓	
17:00	Fui para o café	20:30	Aguardei o jantar
↓		21:00	Jantei
20:30	Fiz o jantar	21:30	Fui abrir o café
21:30	Jantei	↓	
22:00	Arrumei a cozinha	2:00	Voltei do café e deitei-me
23:00	Fui para o café	18 h	TOTAL
↓			
2:00	Vim do café, reguei flores		
2:30	Deitei-me		
19 h	TOTAL		

Figura 7 Descrição das actividades realizadas pelo casal mais jovem da Família Santos, uma segunda-feira de Julho



**Figura 8** Diagrama das actividades realizadas por dois casais (de jovens e de idosos), da Família Santos

### A Família Vilares



**Figura 9** Estrutura da Família Vilares, Vimioso

Também nesta aldeia do concelho de Vimioso, Conceição e António Vilares, casados, vivem com os filhos Abel, de 16 anos, e João, de 11. Vive ainda com eles, a mãe de Conceição, Marta, já viúva.

Conceição estudou até ao fim do primeiro ciclo, mas depois não quis continuar, regressando definitivamente à aldeia, onde sempre trabalhou na agricultura. Primeiro, em casa dos pais, depois na sua própria. É actividade que aprecia e para a qual tem competências. António, tem a quarta classe, tendo trabalhado sempre na agricultura, em casa dos pais que eram também agricultores. Mais tarde, estreou-se na construção civil, que ia compatibilizando com as tarefas nos campos. Hoje tem a sua empresa nessa actividade – é *empreiteiro* –, aventurando-se já com obras fora da aldeia. Gerindo e trabalhando nesse sector, continua, no entanto, a residir na aldeia onde trabalha também na agricultura, estando-lhe destinados os afazeres mais pesados e que reclamam a condução de máquinas (lavouras, por exemplo). Assim se ocupa aos fins-de-semana ou no fim das tardes.

Marta continua a trabalhar na agricultura com a filha, como aliás sempre fez, vivendo agora em casa desta – uma casa nova já construída por António.

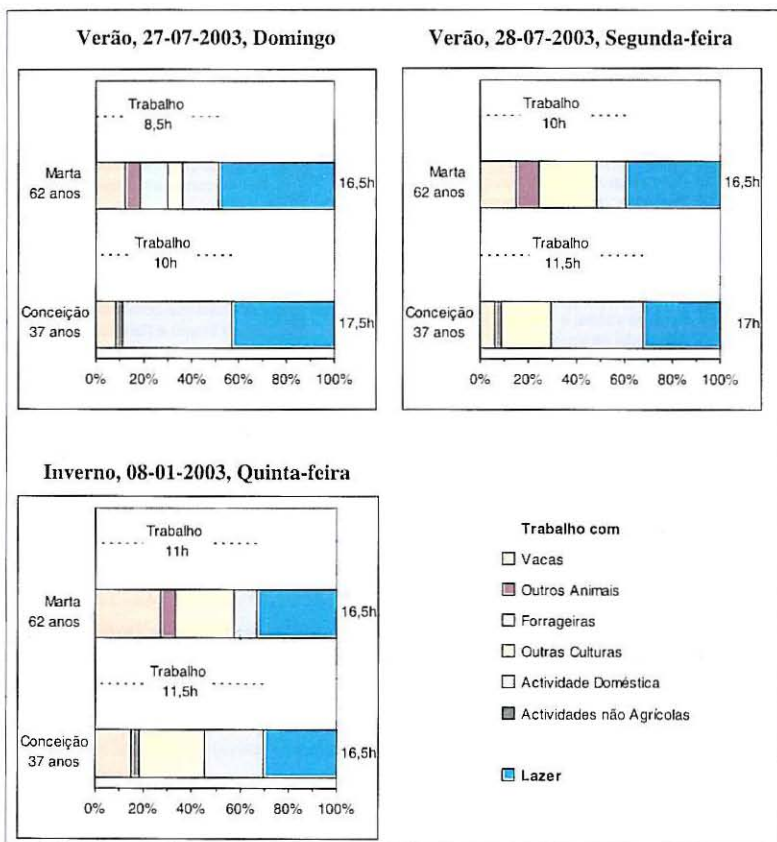
Os filhos do casal Vilares estudam, o mais velho em Bragança, o outro em Vimioso, mas estão também muito ligados às actividades agrícolas em que participam. Sobretudo Abel, de 16 anos, cujo contributo em trabalho é já apreciável.

Uma vez que o marido trabalha fora da agricultura os orçamentos-tempo foram registados relativamente a Conceição e Marta, que são quem diariamente realiza as tarefas agrícolas.

## Inverno, 8-01-2004, Quinta-feira

Horas	Conceição, 37 anos	Horas	Marta, 62 anos
7:00	Levantei-me e arranjei-me	7:00	Levantei-me e vesti-me
7:30	Acendi o lume; dei de comer às vacas	7:30	Fui às vacas; tirei estrume
8:00	Despachei os meus filhos para a escola Preparo a merenda para mim e minha mãe		Dei de comer às vacas e galinhas
8:30	Ajudei a por os vitelos a mamar	9:00	Tomei o pequeno almoço
9:00	Dei de comer às galinhas Tomei o pequeno-almoço	10:30	Ajudei a arrumar a casa Botámos as vacas e fui com elas
9:30	Arrumei a casa; pus roupa na máquina	↓	
10:30	Botei as vacas; a minha Mãe foi com elas Acomodei as vacas	11:30	Encontrei-me com a filha e fomos limpar a floresta
11:00	Fui de carro encontrar-me com a minha Mãe para limpar a floresta	13:00	Comemos a merenda
↓		16:00	Fui buscar as vacas
13:00	Comemos a merenda	16:30	Prendi as vacas; Botei os vitelos a mamar; encerrei as galinhas; Acomodei as vacas
13:30	Continuamos a trabalhar	↓	
16:00	Regressamos; Fui despachar os vitelos	19:00	Ajudei a fazer o jantar; parti lenha
16:30	Prendemos as vacas;	19:30	Jantamos
17:30	Fui para casa e estendi a roupa lavada	20:00	Fiz renda e vi as novelas
19:00	Fiz o jantar	↓	
19:30	Jantámos	23:30	Deitei-me
20:00	Arrumei a cozinha	TOTAL	TOTAL
20:30	Fiz renda e vi televisão		
↓			
23:30	Deitei-me		
16,5 h	TOTAL	16,5 h	

Figura 10 Descrição das actividades realizadas por duas mulheres (mãe e filha), da Família Vilares, uma quinta-feira de Janeiro



**Figura 11** Diagrama das actividades realizadas por duas mulheres (mãe e filha), da Família Vilares

Na Figura 10 faz-se a descrição das actividades realizadas por estas duas mulheres num dia de Inverno. E pode concluir-se que o sistema de manejo implementado na exploração é o tradicional: há a condução das vacas até ao lameiro e ainda todo o trabalho de limpeza das camas dos animais, bem com o fornecimento de forragens e rações no estábulo. No dia analisado, Marta não permanece com as vacas no campo, indo encontrar-se com a filha para “limpar a floresta”. Neste caso, o lameiro onde as deixou é vedado, podendo as vacas aí permanecer sem vigilância. Salienta-se também o manejo dos vitelos que, não indo ao campo, têm de ser postos a mamar antes da partida das vacas para os pastos. Esta prática indica também que vitelos e vacas não estão estabulados conjuntamente.

Pela análise dos diagramas da Figura 11, nota-se que é Marta quem ocupa mais do seu tempo com as sete vacas Mirandesas da exploração, sempre mais de 10% da duração do seu dia, podendo chegar próximo dos 30%. Marta só descansa um pouco das “lides da bovinicultura” quando Abel, o neto mais velho, a acompanha ou substitui, o que só pode suceder em tempo de férias escolares. Conceição, por sua vez, ocupa-se preferencialmente da casa e das tarefas domésticas.

### A Família Martins

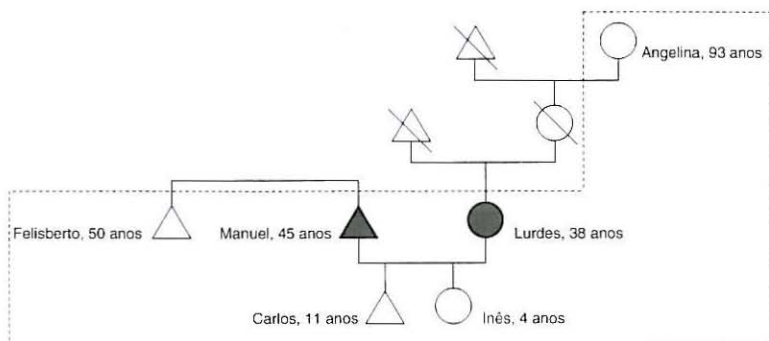


Figura 12 Estrutura da Família Martins, Vinhais

Lurdes e Manuel são casados e vivem na aldeia de nascimento de Manuel, no concelho de Vinhais. Além dos seus dois filhos, Carlos de onze anos e Inês de quatro, vivem ainda com eles a avó de Lurdes, Angelina, viúva, e o irmão de Manuel, Felisberto, que é deficiente motor.

Lurdes não é natural desta aldeia, mas de uma outra, também no concelho de Vinhais, onde viveu até aos 26 anos, sempre com a Avó, já então viúva. Lurdes e o seu irmão mais velho (filhos fora do casamento), viveram com a avó materna, uma vez que a mãe entretanto casou e emigrou para as Astúrias. Lurdes só a conheceu quando tinha nove anos, e foi com a avó que aprendeu a trabalhar nos campos. Teve várias oportunidades de emprego fora da aldeia, de modo que o facto de ter ficado com a avó até aos 26 anos

foi uma opção assumida. Depois de casar com Manuel, mudou-se para a aldeia dele, continuando a trabalhar na agricultura.

Manuel sempre viveu na sua aldeia natal, tendo estudado até à quarta classe. Tem vários irmãos e alguns vivem também, actualmente, na mesma localidade: uma irmã e o marido são rendeiros da maior casa local; Felisberto, o irmão mais velho de Manuel, com uma sequela deixada pela meningite enquanto criança, reside com o casal. Vivem todos na casa que outrora foi dos pais, agora já reconstruída, e exploram grande parte das terras herdadas.

Lurdes e Manuel têm 15 vacas e trabalham ambos na agricultura, ajudados por Felisberto. A avó de Lurdes não tem já qualquer actividade. Pela análise do orçamentos-tempo de Inverno apura-se que a tarefa de levar as vacas ao lameiro fica mais a cargo de Felisberto. Nos restantes dias de registo não foi possível apurar a ocupação do tempo deste elemento, porque se encontrava ausente, mas na descrição das actividades de Lurdes num dia de Verão há a referência de que foi Felisberto quem levou as vacas ao lameiro (Figura 13).

**Figura 13** Descrição das actividades realizadas pelo casal da Família Martins, uma quinta-feira de Julho

Verão, 24-07-2003, Quinta-feira

Horas	Lurdes, 38 anos	Horas	Manuel, 45 anos
5:30	Levantei-me	8:00	Levantei-me
6:00	Fui aparelhar a égua ao meu cunhado, para ir com as vacas	8:30	Fui ao estábulo de tractor, buscar um comedouro para os vitelos e fui instalá-lo no lameiro
6:30	Andei a cavar batatas com o meu filho	↓	
9:00	Voltei e levantei a minha Avó e filha	11:30	Regressei a casa
9:30	Dei-lhes e tomei o pequeno almoço		Esperei o almoço
10:00	Fui matar frangos com o meu filho	12:30	Almocei
11:30	Preparei o almoço	14:30	Fui à vila buscar gasolina para a moto serra
12:30	Almoçámos		
13:00	Lavei a louça	16:30	Fui até à cerca das vacas e levei-as aos castanheiros: vão comer as folhas do chão
15:00	Fiz camas e arrumei	↓	
15:00	Descansei; fiz na renda		
17:00	Novamente cavar batatas	21:30	Voltei para casa e jantei
18:00	Voltei para casa; dei de comer aos animais	22:00	Vi televisão
20:00	Fiz o jantar	23:00	Fui dormir
22:00	Jantámos		
22:30	Arrumei a cozinha		
22:30	Fui deitar-me		
18 h	<b>TOTAL</b>	15 h	<b>TOTAL</b>

O trabalho com as vacas e com as culturas forrageiras também é, em grande parte, realizado por Manuel, que assim preenche partes importantes do seu dia. Lurdes também pode ver-se obrigada a cuidar das vacas (a 2/4/2004 cerca de 20% do seu dia foi assim ocupado), mas é mais raro, já que muitas das lídes domésticas (que incluem tomar conta da filha e da Avó) estão exclusivamente a seu cargo. É também ela que, em

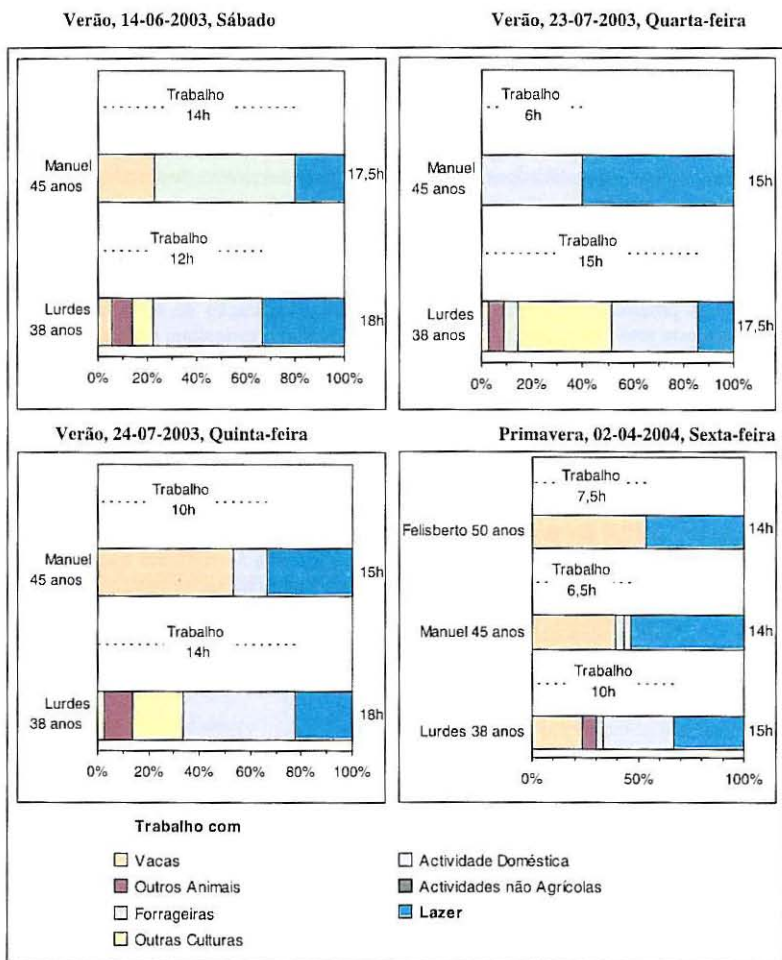
geral, se ocupa da alimentação e limpeza das lojas dos outros animais da exploração (Figura 14).

Esta exploração tem um efectivo bovino de vacas mirandesas relativamente elevado, 15 vacas mirandesas, com um sistema de maneio em que os animais são sempre recolhidos no estábulo, durante a noite. De dia porém, nem sempre se requer a presença de alguém que guarde as vacas, pois é referida a existência de uma cerca, (Figura 13). Quando estas ficam acompanhadas nos lameiros, quem as leva é Felisberto.

No dia 24 de Julho de 2003, Manuel procedeu à instalação de um comedouro para vitelos num determinado lameiro, o que remete também para um maneio utilizando já diversas facilidades características de uma condução mais extensiva do efectivo.

### Nota Final

Como já foi referido, as três famílias em foco configuram sistemas de maneio das vacas mirandesas próximos do maneio tradicional. Para a realização de todo o trabalho inerente a esta actividade, quer nas famílias praticando uma agricultura a tempo parcial, (em que por isso o tempo de actividade dos seus elementos se divide entre as tarefas agrícolas e os outros trabalhos), quer no caso de agricultores a tempo inteiro, há sempre recurso a mão-de-obra de outros elementos da família, residentes ou não no agregado doméstico. No caso da Família Santos, a maior parte do trabalho com as vacas mirandesas é executado pelos elementos mais velhos da família, não residentes na mesma casa, nem pertencentes à mesma exploração agrícola, isto em sentido estrito. Na Família Vilares é também um elemento mais idoso, desta feita residente na casa e participando também dos outros trabalhos nesta exploração agrícola, quem tem a grande parte do trabalho com as vacas. Por fim, na Família Martins, em que todos os elementos do agregado doméstico trabalham a tempo inteiro na agricultura, quem tem a incumbência de conduzir as vacas ao pasto e aí permanecer com elas, quando necessário, é um familiar deficiente motor, e que portanto está algo limitado nas tarefas que pode desempenhar.



**Figura 14** Diagrama das actividades realizadas pelo casal Martins e num caso também pelo irmão de Manuel Martins

Assim, a realização do muito trabalho reclamado pelo mancio das vacas passa pela contribuição quer dos mais idosos, quer de indivíduos com limitações físicas óbvias, mas é de notar que as horas de trabalho são consumidas sobretudo na condução e acompanhamento das vacas. Estas “canseiras e voltas” requerem mais mobilidade do que capacidades físicas estritas.

Destacam-se ainda as múltiplas vertentes das relações intergeracionais na família, patentes nos casos apresentados. Por um lado, as crianças e jovens que, crescendo no seio da actividade agrícola e aí participando ocasionalmente, estão já afastados destas incumbências quotidianamente. Ao contrário, aliás, do que foi observado noutras situações em Portugal (Pinto, 1998) o objectivo principal de actividade infantil é a escola. Por outro lado, o ombrear em várias tarefas das gerações adultas presentes – os mais velhos e os adultos jovens, geração central nesta análise –, que participam na realização do trabalho necessário ao funcionamento global da exploração agrícola. Por fim, é também de salientar a divisão do trabalho entre marido e mulher, nos casais observados que entre si repartem a grande fatia das tarefas agrícolas e das actividades fora da agricultura. Se é aos homens que as tarefas mais pesadas são atribuídas, às mulheres sai “o destino” duma mais prolongada carga horária quotidiana.

### **Bibliografia**

- Attias-Donfut, C. (1995) “Le double circuit des transmissions”. Em C. Attias-Donfut (dir.) *Les Solidarités entre Générations – Vieillesse, Famille, État*. Nathan: France.
- Fragata, A., Sousa, F. e Mendonça, A. (1995) A Valorização da Carne de Bovino de Raça Mirandesa. Revista de Ciências Agrárias Vol. XVIII, Nº 2 (3-7).
- Fragata, A. e Sousa, F. (1995) Práticas dos Criadores de Bovinos Mirandeses e Melhoramento da Raça. Revista de Ciências Agrárias Vol. XVIII, Nº 3 (5-9).
- Fragata, A. e Sousa, F. (1997) Mirandesa cattle breed: Farm structure, management and marketing. Livestock farming systems – More than food production, Proceedings of the fourth international symposium on livestock farming systems, EAAP Publication Nº 89, Denmark (212-216).
- Fragata, A., Sousa, F. e Rodrigues, L. (2001) Prémios, margens e incertezas dos criadores de bovinos de raça mirandesa. Comunicação apresentada ao XI Congresso de Zootecnia “A Zootecnia nas Regiões Ultraperiféricas da EU”, Ilha da Madeira, 11 pp.
- Fragata, A., Sousa, F. e Rodrigues, Luísa (2002) “Subsídios, Margens e Incertezas dos Criadores da Raça Mirandesa”, *Agronomia Lusitana*, 50 (3-4): 183-189.
- Pinto, G. A. (1998) “O TRABALHO DAS CRIANÇAS – De pequenino é que se torce o pepino (e o destino)”. Oeiras: Celta Editora.
- Portela, José e Caldas, J. Castro (org.) (2003) Portugal Chão. Oeiras: Celta Editora.
- Rolo, Joaquim C. (1996) “Imagens de meio século da agricultura portuguesa”, Em Brito, J. Pais de, e Outros (coords.) *O Voo do Arado*, Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- Rolo, Joaquim C. (2004) População, Agricultura e Espaços “Rurais” de Portugal no Século XX. Comunicação apresentada ao Seminário “Evolução da Família Agrícola”, INIAP/EAN, Novembro de 2004 (artigo nesta publicação).

Segalen, M. (1995) "Continuités et discontinuités familiales: approche socio-historique du lien intergénérationnel". Em C. Attias-Donfut (dir.) *Les Solidarités entre Générations - Vieillesse, Famille, État*. Nathan, France.

Sousa, F., Mendonça, A. e Fragata, A. (1991) Reflexões sobre a valorização de produtos Agro-alimentares de Montanha – O caso da terra Fria do Nordeste de Trás-os-Montes. Comunicação apresentada ao Seminário "Recursos Naturais do Nordeste Transmontano", Escola Superior de Educação de Bragança.

Sousa, F. (1992) Sistemas Agrários e Melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa – O caso de Paço. Tese de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 114 pp.

Sousa, F. e Fragata, A. (1996) Mirandês cattle Breed: genetic base and breed improvement. Livestock farming systems: research, development, socio-economics and land manager, Proceedings of the third international symposium on livestock farming systems, EAAP Publication nº 79, Wageningen (79-94).